

Langoni justifica nos EUA maxidesvalorização

A.M.PIMENTA NEVES
Nosso correspondente

WASHINGTON — A "traumática" maxidesvalorização do cruzeiro resultou, fundamentalmente, da constatação de que a balança comercial do Brasil no começo do ano apontava para desvios sérios que inviabilizariam o programa de ajustamento do governo, disse, em Washington, o presidente do Banco Central, Carlos Langoni, numa entrevista à imprensa na sede do FMI.

Langoni afirmou que o déficit do balanço de pagamentos em conta corrente, em janeiro, que deveria ter sido de 400 ou 500 milhões de dólares, chegou a quase o dobro.

Agora, disse o presidente do Banco Central, o governo tem de complementar a máxi, adotando políticas fiscal e monetária eficientes.

"A política fiscal é o calcanhar de Aquiles. Terá de ter controle mais rígido", afirmou.

Indagado sobre os efeitos que a máxi exerceria sobre a dívida externa das empresas brasileiras, Langoni disse que "esse problema tem uma dimensão em cruzeiro. O governo terá sensibilidade para tentar equacioná-lo". Recusou-se, no entanto, a adiantar quais fórmulas poderiam ser adotadas para aliviar o serviço da dívida dessas empresas.

Langoni disse que a maxidesvalorização foi necessária porque a resposta do mercado de câmbio foi muito pequena com as mínis. Em fevereiro continuou havendo defasagem entre o ingresso de divisas e os dados da balança comercial, com consequências imprevisíveis. A alternativa era mudar as expectativas do

mercado, desestimular as importações e estimular as exportações. A credibilidade do programa do ajustamento do Brasil havia sido posta em dúvida pelos resultados de janeiro, afirmou.

Para Langoni o mercado de câmbio já está reagindo, começando a surgir repasses líquidos. "Antes as coberturas cambiais eram maiores do que os repasses", disse. Dentro de 10 a 15 dias, a seu ver, haverá maior ingresso de divisas.

Antes as divisas não entravam porque existia expectativa da mudança da política cambial, havia movimento especulativo de retenção de divisas e antecipação dos gastos de importações, disse Langoni. Um país que lida com um volume mínimo de reservas não pode esperar para tomar uma decisão, afirmou.

Langoni disse que a idéia da máxi começou a amadurecer em janeiro. O governo pensou simplesmente em antecipar a correção cambial de 12,7% projetada para o ano todo e a partir daí continuar corrigindo o cruzeiro lentamente. Mas optou pelos 30%. Langoni disse ainda que, como este jornal divulgou, a questão da correção cambial foi um tema seriamente discutido com o FMI, quando se começou a traçar o programa no final do ano. Mas o FMI acabou aceitando a idéia da aceleração das mínis, por insistência do governo.

"A máxi é traumática, mas era inevitável. As consequências da inação seriam piores", disse Langoni, ao comentar seus efeitos sobre a inflação. Esses efeitos podem ser neutralizados através das políticas fiscal e monetária, acrescentou.